

10

A percepção de gênero e ambiente das (os) estudantes da comunidade quilombola de Mata Cavalo

Elizete Gonçalves dos Santos, Regina Aparecida da Silva e Michelè Tomoko Sato.

Resumo

Os quilombos no Brasil são marcados por lutas pelo seu território e por direitos sociais, e se configuram como espaço de construção de identidades, e expoentes da cultura afro-brasileira e de enfrentamento as agruras de um mundo ocidental, branco, machista e capitalista. E as mulheres negras quilombolas da comunidade Mata Cavalo que sofrem tanto com a expropriação da terra, com o racismo e o machismo, se mostram a frente da luta pela posse da terra, pelo direito de viver sua cultura e pela construção de uma identidade feminina quilombola. As mulheres da comunidade quilombola de Mata Cavalo não fogem a luta pelo seu território, que está imbricadamente vinculado a sua identidade, ambiente e vida. Esta pesquisa busca compreender a percepção socioambiental na relação Gênero e Ambiente, tendo como sujeitos de pesquisa as e os jovens estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda localizada na Comunidade Negra Rural Quilombo de Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. A metodologia para a compreensão de tal fenômeno, esta alçada no Estudo de Caso a partir da especificidade do grupo escolhido e de descrições densas das relações de gênero e ambiente através da percepção dos jovens. Realizou-se entrevistas com 11 jovens, e uma oficina temática com bonecas étnicas. Esperamos que essa pesquisa possa colaborar para ampliar a visibilidade da luta das jovens mulheres quilombolas e que possa contribuir com proposições de educação mais inclusiva, significativa e regionalizada.

Palavras-chaves: Ambiente. Gênero. Jovens Quilombolas.

**Perceptions of gender and environment of students community Mata Cavalo
quilombola**

Abstract

The Quilombo in Brazil is marked by struggles to territory, and are configured as a space for the construction of identities, and exponent of African-Brazilian culture and confronting the hardships of a Western world, white, sexist and capitalist. And the Maroons black women of the community who suffer Mata Cavalo both the expropriation of land, with racism and sexism, are shown in front of the struggle for land, the right to live their culture and the construction of a female identity maroon . The women of the maroon community of Mata Cavalo not flee to fight for their territory, which is linked to your identity, the environment and life. This research seeks to understand the social and environmental perception in relation Gender and Environment, whose research subject's young high school students from State School Teacher Teresa Conceição de Arruda located in the Black Forest Community Rural Quilombo in the Mata Cavalo, in the municipality of Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. The methodology for the understanding of this phenomenon, in this purview Case Study from the specificity of the chosen group and thick descriptions of gender relations and environment. We conducted interviews with 11 young people, and a thematic workshop with ethnic dolls. We hope this research can collaborate to expand the visibility of the struggle of the Maroons and women who may contribute propositions education more inclusive, meaningful and regionalized.

Keywords: Environment. Genre. Young Quilombolas.

INICIO DA CAMINHADA

Os quilombos no Brasil permaneceram um bom tempo dentro da História Brasileira “oficial”, apenas como lugar de negros e negras fugidos dos senhores de escravos e do sistema de escravidão colonial. E ainda hoje podemos encontrar em alguns livros e em falas, este pensamento colonial de que quilombo era lugar de resistência e local de escravos fugidos a combater o sistema escravista. O que dá a impressão de que os quilombos não existem mais, ou ficaram só resquícios daqueles tempos de escravidão (LEITE, 2000).

As comunidades negras rurais que apresentam no seu contexto histórico, seja o território formado por abrigo aos cativos fugidos, ou comprados por ex-cativos negros

de seus senhores/senhoras, apresentam uma dinamicidade que não os param no tempo e nem na história, (LEITE, 2010) como o governo e a sociedade branca ocidental os veem. As lutas por reconhecimento da terra, sua legitimação perante a justiça do seu espaço, direitos sociais e também da sua humanidade, pois a terra lhes dá sobrevivência, e a construção de uma identidade. Leite (2010) argumenta que “A invisibilidade dos grupos rurais negros no Brasil é a expressão máxima da ordem jurídica hegemônica e também expõe uma forma de violência simbólica”.

Para Leite (2000), o conceito de quilombo no Brasil, trata-se de uma construção sócio antropológica, que teoriza e formula política para um grupo invisibilizado. E lutam por agregar no território uma identidade negra que faça a ligação com a África ancestral e o processo atual que passam pela posse da terra e acesso a direitos básicos.

O quilombo, espaço revelador da ancestralidade africana, de festas, de religião, cosmogonias²² foram espaços de fuga e resistência à escravidão e para, além disso, territórios de práticas, reconstruções das culturas africanas que viria a agregar outros fatores no Brasil. E de certa forma ainda continua a ser espaço de resistências e lutas, já que muitos quilombos no Brasil, ainda não conseguiram sua titulação e reconhecimento da terra. E que ainda sofrem perseguições, injustiças, discriminações por motivos como, a sua desqualificação para ter posses sobre terras, marcadas pela violência, pela cor da pele, por calúnias que provoca racismo, pobreza e muitas injustiças.

Pelo mapeamento social realizado por Silva (2011), no estado de Mato Grosso, como pesquisa do seu doutorado, há sessenta e nove comunidades quilombolas no Estado, distribuídas por dez municípios mato-grossenses. A Fundação Cultural Palmares, confirma mais de 60 comunidades quilombolas em Mato Grosso. Segundo Silva (2011), a situação das comunidades quilombolas em Mato Grosso, continuam secularmente marginalizadas, quando se observa e comprova a falta de titulação das terras quilombolas no Estado. E os conflitos socioambientais acarretados pela negligência do Estado, que provoca disputas pelo território e a negação de direitos sociais.

A comunidade negra rural quilombola de Mata Cavalo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso, cujas terras foram adquiridas por doações ou compra pelos ex-cativos e seus descendentes no século XIX, próxima a

²² Palavra utilizada para expressar as crenças, visões do mundo dos quilombolas.

rodovia estadual MT 060, luta por direitos a terra numa área total de 11.722 hectares da Sesmaria Boa Vida Mata Cavalo.

É dividida em seis associações distintas matriculadas em cartório: Mata Cavalo de Cima; Ponte da Estiva (Fazenda Ourinhos); Ventura Capim Verde; Mutuca; Aguassú e Mata Cavalo de Baixo. As seis associações formam o complexo Sesmaria Boa vida Quilombo de Mata Cavalo. Grande parte dos danos ecológicos existente na área da antiga terra de sesmaria foi causada pelos fazendeiros da localidade, (SATO, 2008).

Simione (2008) relata que por anos os quilombolas foram perseguidos, ameaçados, humilhados, presos e expulsos de suas casas e sítios por fazendeiros que chegavam na região, e tinham o interesse de expandir suas terras para agropecuária. A luta pela terra perpassa as vidas de homens e mulheres que desejam ter acesso a direitos básicos sociais como Educação, Saúde, Emprego, Lazer e um território onde possam construir suas identidades e vivências.

As mulheres de Mata Cavalo tem papel considerável na luta pela terra. Em certas fases da luta contra os fazendeiros nos despejos, as mulheres tomaram a frente, e tinham uma liderança feminina bem forte, a professora/presidente Tereza Conceição de Arruda. (MANFRINATE, 2011). Segundo nos relata Castilho (2011, p. 130), a mulher no quilombo de Mata Cavalo tem papel destacável, assume lideranças dos setores do Quilombo e ainda conduz a família. As mulheres negras segundo Carneiro (2003) estão à margem de terem direitos e cidadania reconhecidos, sofrem com o machismo que as inferioriza por serem mulheres e pelo racismo pela cor da pele. E as mulheres quilombolas além dessas discriminações, que sofrem se colocam a lutarem por sua terra, seu território, suas famílias pelos direitos negados a elas.

Compreender a dinâmica dos Quilombos perpassa um quadro histórico para chegarmos à contemporaneidade dos quilombos. E conceituar quilombo, muitas vezes fica difícil pelos vários olhares que pesquisadores, governos, sociedade lançam as comunidades negras rurais, e ainda é muito presente a definição colonial de quilombo como espaço apenas de fuga de “escravos” negros (as). Leite (2000, p.1) dialoga que “Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção”. O quilombo de Mata Cavalo se insere como um quilombo contemporâneo que ainda luta por direitos a terra e acesso a direitos básicos como saúde, educação, emprego, etc.

Lopes (2007), nos traz uma reflexão das Comunidades Quilombolas para além da definição colonial, da resistência tão debatidas quando buscamos pesquisar sobre quilombos. Lopes argumenta que:

Há muito que pesquisar e aprender sobre a história dos quilombos, para além da fuga e da resistência. Atualmente, a situação das diversas comunidades remanescentes de quilombos nos traz questões, entre as quais a da identidade, do pertencimento, da posse da terra, da educação, da saúde, do transporte, do desenvolvimento sustentável, que não podemos deixar de discutir, inclusive na pauta de políticas públicas (LOPES, 2007, p.28).

A inserção das e dos jovens quilombolas na luta pelos seus direitos básicos e pela terra, se faz imprescindível como oportunidade de formação cidadã, de identidade e valorização das/dos jovens, das mulheres negras. As violências sofridas em detrimento com a sociedade capitalista excludente, dominadora provocam sofrimentos e perdas que podem chegar ao comprometimento da autoestima e crescimento pessoal e social. As esferas de submissão se expressam em relações de poder e desigualdades, para Castro:

"O racismo, o sexismo, o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil, não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas, que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, como as mulheres os negros, os mais jovens e os mais pobres". (CASTRO, 2005, p.11)

A presente pesquisa que se insere na abordagem qualitativa, e tem por objetivo compreender as relações de gênero e ambiente pela percepção socioambiental dos jovens e das jovens estudantes do Ensino Médio na Escola Quilombola, no que trata das relações de gênero e ambiente. E para compreender as relações desses/dessas jovens quilombolas com o ambiente, que diria configura-se como o território quilombola de pertencimento, e os conflitos socioambientais decorrentes da tensão histórica de exclusão social e abandono pelo Estado, a Educação Ambiental nos traz grandes contribuições para a compreensão/interpretação que perpassa as relações com ambiente, as relações de gênero na escola quilombola com abordagens teóricas, crítica e emancipadora.

E há uma demanda de imersão no contexto social, cultural, histórico, racial e etário das alunas do Ensino Médio da Escola Quilombola. Contudo, sem deixar de focalizar as percepções sociambientais dessas jovens. A busca por compreender as percepções sobre as relações de gênero e ambiente a partir das jovens quilombolas que frequentam o período do Ensino Médio é o objetivo desta pesquisa.

Esta pesquisa justifica-se como forma de continuidade as pesquisas já realizadas no Quilombo de Mata Cavalo pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT). E trazer a discussão sobre o grupo etário e de gênero das jovens quilombolas que frequentam o ensino formal, suas percepções socioambientais, na busca de uma educação inclusiva, regionalizada e participativa.

O LABIRINTO METODOLÓGICO

A metodologia é uma importante parte da pesquisa e precisamos traçar rumos para que tenhamos condições de realizar a pesquisa. A pesquisa qualitativa se faz presente na Educação, e traz instrumentos metodológicos pertinentes que muitos pesquisadores da área da Educação utilizam já há algum tempo. Tais como a observação participante, história de vida, etnografia, etc. A abordagem qualitativa propicia ao pesquisador (a), entender os significados, o fenômeno socioambiental que se coloca na pesquisa, e vale muito mais o processo para tal compreensão que envolve também as percepções, sonhos, vivências que a/o pesquisador traz consigo para a pesquisa. Bogdan & Biklen (1998), argumentam que na pesquisa de abordagem qualitativa “as questões desenvolvidas para orientar um estudo qualitativo devem ser de natureza mais aberta e devem revelar maior preocupação pelo processo e significado, e não pelas suas causas e efeitos”.

Ao perceber que a Educação Ambiental (EA) para além de uma educação para o ambiente, pode ser um rumo para reflexões, pesquisas, transformação social (não sozinha) contraponto para a sociedade consumista capitalista, e para sair do dilema utilitarista que vê a EA como ferramenta de gestão de recursos naturais, do politicamente correto, da reciclagem do lixo, que trago a EA como trilha para o meu labirinto de pesquisa. E como diz Sato (2011) “Uma pesquisa é um labirinto que ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão.” E a EA pode proporcionar-me essa reinvenção da paixão dentro do labirinto da pesquisa, assim concordo que a pesquisa não é um caminho linear reto, mas um labirinto cheio de caminhos possíveis, caminhos fechados, idas e voltas. E a EA pode ser o meu fio de Ariadne.

Nas tramas da EA, o método que me guia para compreender e interpretar as percepções socioambientais que se apresentaram, foi o Estudo de Caso como possibilidade de uma descrição densa e exploratória. Este é utilizado nas pesquisas

qualitativas e também nas educacionais, e apesar das divergências entre os pesquisadores que utilizam e veem como método de pesquisa, há os que condenam seu uso como método de uma pesquisa. O estudo de caso como apontam alguns autores (BOGDAN & BIKLIN, 1998; CHIZZOTTI, 2006; VENTURA, 2007, YIN, 2010), permite compreender em profundidade o fenômeno estudado. E trabalhar com a unidade, seja ela uma instituição, grupo, indivíduo, por exemplo, uma escola, uma comunidade, uma pessoa.

Yin (2010) ao trazer o estudo de caso como método para as Ciências Sociais, que pode possibilitar a profundidade dos fenômenos sociais, aponta para vantagens como o aprofundamento, levantamento e descrição do caso e não apenas na fase preliminar, como em todo o processo. E como desvantagem a limitação de um caso, que muitas vezes segundo ele, não pode ser generalizado.

Segundo Alves-Mazzotti (2006), o estudo de caso é um método complexo que apresenta suas potencialidades, como o interesse por casos individuais, peculiares que não tem ou não teriam respaldo e audiência em pesquisas com forte tendência a generalização. E aponta desvantagens como o uso do Estudo de caso, não apenas como metodologia, mas como prática pedagógica, fins de ensino, consultoria várias áreas do conhecimento. O que pode causar segundo Alves-Mazzotti (2003), que o Estudo de caso sirva para todas as áreas.

Os procedimentos metodológicos que deram suporte a pesquisa como a observação participante, entrevista semiestruturada (permitiu trazer tópicos aos entrevistados, sem deixar fechada as possibilidades de respostas das/dos entrevistadas (os), e a construção de uma Oficina temática com bonecas étnicas a abordar as relações de gênero, ambiente. O que possibilitou uma riqueza de interpretações para o objetivo da pesquisa, as questões de gênero, encontram-se entrelaçadas com o ambiente/território em Mata Cavallo. Foi utilizado também o levantamento bibliográfico de Gênero, de Educação Ambiental, de relações Étnico-raciais e pesquisas do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental –GPEA sobre a comunidade quilombola de Mata Cavallo.

Para Manfrinate (2011), a tratar da Educação Ambiental como campo de estudo e pesquisa possibilita trazer as questões de gênero e ambiente coligadas, a exemplo a Comunidade Negra Rural Quilombola de Mata Cavallo, visto que:

“A educação Ambiental nos acompanha nessa caminhada na medida em que é entendido que a construção de gênero e suas identidades estão ligadas ao território em que essas mulheres vivem, por sua ligação com a terra pela qual lutam na forma e como se relacionam com o seu próprio

ambiente e no movimento de pertencimento ao lugar e reconhecimento do valor de ser quilombola” (MANFRINATE, 2011).

JOVENS QUILOMBOLAS DE MATA CAVALO

A escolha dos sujeitos de pesquisa como as jovens estudantes da comunidade Quilombola, em processo de formação escolar, surgiu da primeira visita a nova Escola da comunidade. Já houve pesquisas no Quilombo com as mulheres, em especial uma grande líder da comunidade e a primeira professora Tereza Conceição Arruda já falecida, que tem seu nome dado à escola. Por ainda ser uma jovem pesquisadora, militante do Movimento de Juventude e Meio Ambiente, e ter participado da Rede de Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade (REJUMA), e do grupo Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Mato Grosso (CJ-MT) em que estive por 7 anos e trabalhamos a maior parte do tempo com formação de jovens na temática Juventude e Ambiente, Formação Política acesso a políticas públicas com a juventude urbana, me surgiu a ideia e desejo de compreender este “grupo social” (SILVA, 2011).

Pude observar que há poucas iniciativas e espaços em que as jovens quilombolas podem se manifestar e tornarem-se protagonistas e terem “audiência” e serem ouvidas atentamente. A partir dessa observação veio à proposta de buscar compreender como as jovens mulheres quilombolas em processo de escolarização no período do Ensino Médio, se organizam, sonham e vivem na comunidade no território que lhes é de direito herdado de seus antepassados.

ESCOLA QUILOMBOLA DE MATA CAVALO

A pesquisa se realizou na Escola Estadual Prof.^a Tereza Conceição Arruda localizada na Comunidade Rural Negra Quilombo de Mata Cavallo no município de Nossa Senhora de Livramento as margens da rodovia MT 060. A Escola é nova tem apenas dois anos de atividade, inaugurada pelo governo do Estado em junho de 2012. A escola foi escolhida como local da pesquisa, por ser um ótimo lugar para entender o perfil da comunidade, abriga os saberes tanto sistematizados da educação escolar como da Educação Popular. A Escola foi uma conquista das lutas da comunidade quilombola pelo direito e acesso à educação. A antiga Escola chamada São Benedito tinha precárias instalações, a nova Escola construída com recurso Federal e Estadual apresenta

infraestrutura e equipamentos para as aulas. Como sala de informática, laboratório de artesanato, salas de aulas climatizadas e refeitório.



Figura. 1 Escola da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo. Foto: Elizete Santos, 2013.

RODA DE CONVERSA SOBRE GÊNERO E AMBIENTE: OFICINA COM BONECAS ÉTNICAS

A proposta de realizar uma oficina com estas temáticas surgiu de uma demanda da própria Escola. Na primeira visita, a diretora apresenta a necessidade e interesse da escola em trabalhar com a Educação Ambiental²³. E quando apresentava a minha proposta de Projeto de Pesquisa ao GPEA, surgiu à ideia de uma oficina com bonecas de várias etnias (branca, negra, amarela, indígena etc.) em que envolvesse as relações de Gênero e Ambiente.

A intenção de realizar a Oficina na Escola com os estudantes do Ensino Médio com as bonecas com a temáticas do gênero e ambiente, possibilita também compreender o entrelaçamento com as relações étnico-raciais, marcadamente presentes em uma comunidade quilombola. Ancorada num vídeo que circulou largamente na lista da Rede

²³ Ao conversar com a coordenadora pedagógica, sobre os trabalhos e projetos de Educação Ambiental na escola, tem-se por ideias o lixo (reciclagem e separação do lixo) e a horta escolar como práticas.

Brasileira de Justiça Ambiental, que mostrava que nos Estados Unidos, as próprias crianças negras escolhiam bonecas brancas, a presente metodologia vem experimentar se tal situação ocorre no quilombo de Mata Cavallo, permeada nas relações de gênero e ambiente.

Contudo, para além da mera testagem, o método visa ampliar os cenários, permitindo que os adolescentes (as) narrem histórias por meio das bonecas. Esperamos que tais histórias revelem o imaginário destes adolescentes em relação a 3 pontos primordiais da pesquisa: (a) Gênero; (b) Raça; e (c) Ambiente. Estas três dimensões estão intrinsecamente ligadas ao arcabouço pedagógico da construção identitária, pela reconstrução da Educação Ambiental.



Figura 2. Foto: Bonecas da Oficina temática. Elizete Santos. 2013

RESULTADOS & DISCUSSÕES

Realizou-se entrevistas com as/os estudantes do Ensino Médio, ao todo foram onze entrevistas entre as quais nove jovens do sexo feminino, e dois jovens do sexo masculino que se apresentaram de forma espontânea para a entrevista²⁴. A participação na entrevista foi apresentada de forma aberta e espontânea, e o foco era entrevistar

²⁴ Todas as entrevistas realizadas possuem por escrito autorização dos entrevistados, da escola para que sejam reproduzidas suas falas, seus nomes em siglas por tratar-se alguns estudantes menores de idade, e por respeito ao anonimato.

apenas as jovens mulheres, mas como dois jovens se apresentaram para serem entrevistados, essa situação fugiu da proposta de apenas entrevistar as jovens, e ao ler as transcrições das entrevistas tanto das e dos jovens, vi o quanto trouxe riqueza a pesquisa as percepções desses jovens, em relação as relações de gênero e ambiente. A partir de um roteiro semiestruturado com perguntas que abordaram as questões de Gênero, Ambiente e as relações étnico-raciais marcadamente presente, às percepções que as/os jovens quilombolas constroem de saberes sobre o ambiente, gênero estão muito entrelaçadas com a identidade a ser construída de quilombola, com a comunidade e as tradições.

Ao abordar o estudo com as jovens quilombolas, descobriu-se haver poucos estudos a abordar esse grupo etário com a especificidade quilombola de gênero e a questão ambiental. O grupo estudado tem pouca “audiência” e atenção em relação tanto aos estudos realizados com a população quilombola, quanto as Políticas Públicas a especificar tal grupo pelo Estado e, em relação a acessos e oportunidades a direitos básicos a este grupo é restrito. O que torna o protagonismo e emancipação cidadã as Jovens Quilombolas de difícil negociação e acesso.

O estudo encontra-se em fase avançada com as coletas de dados já realizadas, idas a campo já encerrado e em fase de análise dos dados e teorias que deem suporte para a compreensão e interpretação.

Em uma conversa inicial com a diretora da Escola, que é uma das professoras quilombolas, ela fala da conquista de ter a nova escola com infraestrutura, com Ensino infantil até o Ensino Médio e da oportunidade dos jovens quilombolas conquistaram os estudos e tornarem-se precursores de transformações sociais na comunidade e na luta pelo território quilombola. Na fala da diretora e dos estudantes, o estudo faz com que sejam enxergados como seres humanos e cidadãos, colocam que a falta de estudo, impede que se arranje um bom emprego, que se fale melhor, que seja alguém na vida.

O que interpreto como não falado, mas que ficou evidente nos olhares, nos gestos, e também nos silêncios, que estudar proporciona (ser estudado como dizem) oportunidades e ajuda a diminuir a dor da discriminação pela cor, pela renda e pela variação linguística da região. Isso reflete, os contatos que estabelecem, em especial os jovens com a cidade, onde ter estudo, vestir-se bem, falar sem “sotaques” (impossível todos e todas temos nossas variações linguísticas) é demonstrativo de ser superior e participante de certa classe social.

A marginalização oriunda da lógica do sistema capitalista, perante principalmente aos jovens quilombolas é cruel. Quando pergunto sobre o que é ser negro e se reconhecem como tal, um estudante (J.G.M.C. 15 anos) responde “*E a minha cor é isso, o obstáculo da minha vida, porque se eu estiver em um ambiente com mais gente branca, sei que serei rejeitado. Mas, eu mostrando que tenho educação, e tenho respeito, a minha vida vai para frente*”. A Educação se coloca para os/as jovens que frequentam a escola, como forma de enfrentamento ao racismo, a opressão advinda da sociedade e do grupo racial dominante, a oportunidade de “serem alguém na vida” de conseguirem respeito e melhorias como acesso a bens materiais e tecnológicos da sociedade de consumo.

Ao entrelaçar as questões de gênero, ambiente e relações étnico-raciais na pesquisa, observo que o quanto caminham juntas estas questões na vivência da comunidade quilombola de Mata Cavalo. E a escola é o palco onde as tensões, os saberes, se colocam a propiciar uma construção de identidade racial, das relações de gênero entre homens e mulheres, do que é vivenciado na vida comunitária. E para trazer a discussão sobre o entrelaçar das temáticas da pesquisa, cito Castro & Abramovay (2003), que em seu livro “Gênero e Meio Ambiente” se posicionam a trazer práticas e reflexões do Movimento de Mulheres do Brasil com o Meio Ambiente e “sociedades sustentáveis” (SATO, 2008).

O Movimento ambientalista ou ao menos a temática ambiental perpassa vários movimentos, como das Mulheres e dos Negros (as). As questões ambientais chegam com força nos grupos sociais marginalizados, que para tanto há o racismo ambiental, que acarreta grupos sociais marginalizados, economicamente desfavorecidos que são alvos de degradação ambiental, poluição e contaminação de seus ambientes por indústrias e empresas. No caso da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, no caderno pedagógico do GPEA, que realizou oficinas na comunidade, uma das abordagens foram os impactos socioambientais na comunidade. Os participantes das oficinas como descrito no fascículo, apontaram como impactos: as queimadas, lixo, desmatamento e disputa por territórios (entre quilombolas e fazendeiros), garimpo, falta de renda, despejos, moradias improvisadas e dificuldades de acesso a água. SATO (2010, p. 34-35).

Ao abordar com as e os estudantes as relações de gênero, perguntas como o que é ser mulher e ser homem? O que é ser uma mulher quilombola? As mulheres cuidam melhor do ambiente? As mulheres devem trabalhar fora? Foram perguntadas no intuito

de trazer as percepções nas questões de gênero com os jovens quilombolas, a partir de perguntas aparentemente simplórias. Ao começar a ouvir as respostas, elas eram acompanhadas de momentos de parada, para se pensar em como responder. As nove estudantes entrevistadas, mesmo entrevistas uma por uma separadamente, apresentaram falas muito próximas sobre as relações de gênero que vivenciam na comunidade. É expressiva a fala de trazer a mulher como boa mãe, boa esposa, que sabe cuidar dos filhos, da casa e ainda ajuda o marido na roça. As jovens relatam que na comunidade a maioria das mulheres, ficam em casa a cuidar dos filhos e do marido, que poucas conseguem trabalhar fora, e ter um salário mensal que possam se sustentar, sem ajuda do marido. E novamente a Escola, os estudos para as jovens estudantes é um caminho que pode possibilitar maior independência financeira, visto que pode arranjar um bom emprego na cidade, e a possibilidade até de morar fora da comunidade.

Os dois jovens estudantes, expressaram nas falas algumas semelhanças com as jovens, em relação as mulheres da comunidade quilombola, fiquem dentro de casa e cuidarem da família. E pelas falas julgam que boas mulheres são essas que cuidam da família, que até podem trabalhar fora de casa, contudo, exclusivamente para ajudar na renda familiar, quando o homem não dá conta sozinho de sustentar a família.

A definição do que é ser Mulher e Homem, tanto para as jovens e os jovens, é trazida pela questão biológica, atribuem características físicas para a diferenciação, como também os papéis sociais atribuído a cada gênero. Uma das falas das estudantes exemplifica a diferenciação de papéis *“as mulheres aqui no quilombo, ficam em casa a cuidar dos filhos, da casa e do marido. E os homens é trabalhar fora, cuidar da roça e sustentar a família”*. E nessas atribuições de papéis sociais aos gêneros, que podemos observar a reprodução sexista, que constrói as mulheres pela ótica masculina, que as inferioriza, que as restringe ao ambiente doméstico. A internalização, o processo de opressão das mulheres quilombolas negras, e das jovens quilombolas foi e é tão intenso que elas próprias acabam por reproduzir e “aceitar” os ditos “papéis sociais” para as mulheres. Ou ao menos as reivindicações contra o sistema patriarcal na comunidade, ainda estão em surdina e não obtive acesso, a tais revoltas.

Schuma (2013), ao trazer um histórico das mulheres quilombolas ou que chama também de mocambeiras, como a história esquecida, apagada das mulheres quilombolas e suas contribuições na construção do Brasil, e o seu legado histórico, narra que em alguns quilombos *“as mulheres representavam o elo com as divindades e fortaleciam o espírito combativo de seus habitantes”* (SCHUMA, 2013, p. 43). Na história de muitos

quilombos, as mulheres lutaram lado a lado com os homens, e segundo Schuma (2013), transportavam alimentos, pólvora, armamentos, e cuidavam dos feridos nas batalhas.

O ambiente quilombola que abriga a tradição, a identidade negra, os conflitos que advém pela posse da terra, que dá a sobrevivência, e se vê na interação com a sociedade capitalista globalizada, e que provoca crises, mudanças, segundo Barcelos (2010):

“Analisar o contexto social dessa comunidade é confrontar o antigo e o novo numa interação dinâmica entre a tradição, que se quer estática, e a mudança que oscila entre o desejo e a conformação”. E diria que gera exclusões, sofrimentos a comunidade quilombola que se vê excluída, invisibilizada.

CONSIDERAÇÕES PELO CAMINHO

A compreensão das relações de Gênero com o Ambiente se faz importante e muito presente, e pela peculiaridade de demonstrar como as/os jovens mulheres quilombolas se relacionam com o Ambiente através de seus saberes, percepções, sonhos, mitos e práticas. E como forma de dar algo de visibilidade a este grupo que sofre com discriminações, como sexismo, racismo e a luta e resistência pelo direito à territorialidade. E tem muito a dizer, ensinar e aprender.

E a Educação Ambiental como campo epistemológico e promotora de cidadania, pode trazer os olhares e saberes de comunidades tradicionais, como os quilombolas e das mulheres que como no caso de Mata Cavalo tomam a frente à luta pela posse da terra, e a Educação da comunidade. Vale ir à Escola de Mata Cavalo, observar e perceber de como as mulheres quilombolas estão a par e a frente dos processos educativos, são maioria como professoras e estudantes.

Esperamos que essa pesquisa possa colaborar para ampliar a visibilidade da luta das jovens mulheres quilombolas e possa contribuir com proposições de educação mais inclusiva, significativa e regionalizada.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do Estudo de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, set./dez. 2006, p. 637-651.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. O Quilombo Mata Cavallo: territorialidade negra no mundo globalizado. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção Ciências da Educação. Tradutores Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo**: Educação, família e culturas. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 144 p.

LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. In: **Cadernos de debates Nova Cartografia Social**: Territórios quilombolas e conflitos /Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs.) ... [et al]. – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

LOPES, Ana Lúcia. Kalunga, escola e identidade – experiências inovadoras de educação nos quilombos. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. TV Escola: Salto para o Futuro. **Educação Quilombola**. Rio de Janeiro: Boletim 10, junho 2007. p.27-33.

MANFRINATE, Rosana. **HISTÓRIAS FEMININAS**: Resistência e Educação no Quilombo de Mata Cavallo. 2011. Dissertação de mestrado. Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

SATO, Michèle, Racismo Ambiental. **SINA**, ano 2, n. 14, março 2008.

SATO, Michèle. Em busca de sociedades sustentáveis. **Pátio** - Revista Pedagógica: Educação para o desenvolvimento sustentável. Porto Alegre: ano XII, mai./jul., 2008, p. 55-59.

SATO, Michèle et al. **Comunidade Quilombola de Mata Cavallo**: Mato Grosso, Brasil. Caderno Pedagógico. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2010.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. ABÍLIO, Francisco (Org.) **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Ed UFPB, 2011, p. 539-569.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres Negras do Brasil**. Ed. condensada. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013. 160 p. IL. Publicado em parceria com a Redeh e a Ed. Senac São Paulo.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. **Mapa Social**: mapeando os grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil. Cuiabá: UFMT-GPEA & GTMS, 2011. Série Mapeamento Social do Estado de Mato Grosso. Nº 2. 62 p.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Cavalos**: identidades em Movimento na Educação Ambiental. 2008. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**. 2007; 20(5): 383-386 setembro/outubro.

ZANETTI, Julia; SACRAMENTO, Mônica. Jovens Negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. In: WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres Negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro. Criola.